

“O Pavilhão do Mar”: a *Nau Portugal* da Exposição do Mundo Português (1940) ou a arte da talha ao serviço da cenografia política¹

“The Pavillion of the Sea”: the *Nau Portugal* at the Portuguese World Exhibition (1940) or the woodcarving at the service of political scenography

Sílvia Ferreira*

submissão/submission: 31/01/2017

aceitação/approval: 20/03/2017

RESUMO

Construída para integrar a *Exposição do Mundo Português* de 1940, a *Nau Portugal* foi idealizada com o objetivo de mimetizar um galeão português da carreira da Índia. O projeto coadunava-se com o espírito de exaltação nacional que perpassava pela *Exposição*. A imponência do navio e a sua decoração interior faustosa, conseguida com recurso maioritariamente a talha oriunda de conventos extintos, seria um cartão de visita de Portugal nas viagens que estaria destinada a fazer. No entanto, bem diverso foi o seu destino. Imprópria para navegar, por erros cometidos na sua projeção, terá adornado logo no dia da inauguração, na Gafanha da Nazaré. Rebocada

¹ Este texto insere-se na investigação levada a cabo no contexto do nosso pós-doutoramento, intitulado: *Presença, Memória e Diáspora: Destinos da arte da talha em Portugal entre o Liberalismo e a actualidade* (SFRH/BPD/101835/2014) a decorrer pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e da Ciência.

* IHA – Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa, 1069-061 Lisboa, Portugal.

Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva Ferreira é Doutora em História na especialidade de Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras de Lisboa, com dissertação dedicada ao tema: *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os artistas e as obras*. Actualmente é bolsista de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/101835/2014) com projecto intitulado: *Presença, Memória e Diáspora: Destinos da arte da talha em Portugal entre o Liberalismo e a actualidade*.

Correio eletrónico: silvia.a.s.ferreira@gmail.com

para Belém, e acabada a sua função na *Exposição do Mundo Português*, sofreu estragos irreparáveis com o ciclone de fevereiro de 1941, acabando os seus dias como batelão de mercadorias no Tejo.

Com o presente texto pretendemos traçar a história desta nau, no contexto da opção pela talha como elemento decorativo dos seus interiores.

PALAVRAS-CHAVE

Exposição do mundo português / Nau Portugal / Talha / Conventos extintos / Dispersão

ABSTRACT

Built to integrate the *Portuguese World Exhibition* of 1940, the *Nau Portugal* was conceived to simulate a Portuguese galleon of India's career, keeping with the spirit of national exultation that permeated the exhibition. The grandeur of the ship and its faustous interior decoration, obtained mainly with the use of woodcarving from extinct convents, would be a business card from Portugal on the trips that it was destined to do. However its destiny was very different. Unsuitable for navigation, due to mistakes made in its projection, it adorned on the day of its inauguration. Limited to being anchored on the dock in Belém, after its function, the vessel suffered irreparable damages with the cyclone of 1941, finishing its days like barge of transport in the Tagus River.

With the present text we intend to trace the history of this vessel in the context of the option for the woodcarving as decorative element of its interiors.

KEYWORDS

Portuguese world exhibition / Vessel Portugal / Woodcarving / Extinct convents / Dispersal.



INTRODUÇÃO

A presente investigação em torno da história subjacente à construção da *Nau Portugal* e decoração dos seus interiores, com recorrência maioritariamente a talha dos extintos conventos e igrejas desafetas ao culto, alicerça-se num projeto mais vasto de compreensão do fenómeno da dispersão deste património sacro. O caso *Nau Portugal* apresentou-se como singular no âmbito geral deste movimento de recolocação e reinvenção de peças

originais de conventos, mosteiros e igrejas seculares, pois configura uma situação em que o próprio Estado gere o património à sua guarda com o objetivo muito preciso de o colocar ao serviço de uma ideologia.

Recorrendo em grande medida ao acervo documental das entidades que tutelaram o processo de remoção, armazenamento e cessão da talha destinada a decorar a *Nau*, a investigação encontrou um caminho, que permitiu seguir os trâmites de grande parte do processo e, conseqüentemente retirar as ilações pretendidas sobre a valoração conferida a este património no período histórico em causa. Se a documentação escrita é essencial no decorrer desta investigação, pois permite conhecer as instituições intervenientes, os agentes envolvidos, cujos cargos nessas mesmas instituições lhes permitiram tomar as decisões conformes aos pedidos superiores, mas também as múltiplas situações derivadas desses mesmos pedidos e as conseqüências posteriores e a gestão de processos finda a *Exposição do Mundo Português*, não é menos verdade que os registos visuais permitem a memória da concretização do projeto, que despoletou a cadeia burocrática: a embarcação *Nau Portugal* ancorada na doca de Belém.

Fundamentais para aferir conclusões e ilustrar as mesmas foram as fotografias da *Nau Portugal*, à guarda do Fundo Fotográfico do Arquivo Municipal de Lisboa. Constantes desses registos visuais assinalam-se pormenores dos aspetos decorativos exteriores da *Nau*, que permitem, pela primeira, vez leituras mais concretas do espólio de talha remanescente, nomeadamente das figuras de vulto que se observavam a ladear o escudo português, na proa. Toda a decoração de talha aplicada no exterior da *Nau* é passível de ser visualizada, graças também à excelente qualidade das imagens, nomeadamente os ornamentos constantes dos varandins ou ainda aqueles que pontuam na popa. Fotografada de quase todos os ângulos, a *Nau* documenta-se, assim, abandonando-se às leituras e às interrogações da contemporaneidade.

1. A EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS DE 1940: IDEÁRIO E CONCRETIZAÇÃO

A 27 de março de 1938, Salazar anuncia oficialmente a realização de uma exposição monumental a ter lugar em 1940, a qual teria como objetivo a comemoração de um duplo centenário: da independência de 1140 e da restauração de 1640. A iniciativa, que adotou a designação de *Exposição do Mundo Português*, alcançou uma dimensão até ao momento única, na forma como mobilizou e geriu instrumentos materiais e recursos humanos. A sua ambição e realização, até então inédita, consagrou-a como o mais marcante evento político-cultural ideado pelo *Estado Novo*.

O empenho político nas comemorações resultou da compreensão do desafio proposto: a consagração pública da legitimidade representativa do *Estado Novo*, que não assentava em plebiscito direto, mas antes, e à semelhança de outros regimes ditatoriais, em provas dadas através da ação política e da história. Compreende-se, assim, a estratégia empreendida: semear subliminarmente no espírito dos portugueses, recorrendo à grandiosidade e magnificência do evento, a ideia de desígnio maior de um país historicamente destinado à grandeza, que nunca interrompeu as glórias do passado, unindo-as antes às presentes e àquelas que se projetavam no futuro.

A *Exposição* foi, para além do seu mais imediato impacto, um “tomar de pulso” à capacidade de realização e mobilização do *Estado Novo*. Ao aliar e tornar cúmplices a arte e a política, os idealizadores do evento repetiam os feitos dos antepassados, espelhados nos grandes monumentos e obras de arte executados no contexto do Portugal expansionista e heróico. A evocação histórica, mas também essencialmente política, dos momentos marcantes da história de Portugal, legitimavam as ações do presente, projetavam a glória do futuro, unindo e guiando, qual fio de Ariadne, a gesta portuguesa e o seu lugar no mundo.

A *Exposição* decorreu de 23 de junho a 2 de dezembro de 1940. Erigiram-se os vários pavilhões temáticos e decorreram no local as cerimónias, espetáculos e desfiles que exaltavam os grandes feitos da história de Portugal, a sua economia, os seus valores e as culturas típicas das várias regiões, com destaque para os territórios ultramarinos. Ao Brasil, único país convidado, foi atribuído também um pavilhão.

A *Exposição do Mundo Português* não se limitou a ser uma mera mostra das conquistas de Portugal, mas alargou o seu âmbito, ao promover, em paralelo, atividades e obras que demonstravam a proatividade do Estado, trilhando o caminho da história gloriosa de um Portugal feito de conquistas de novéis mundos da geografia e do saber. Encontros científicos, como foi o caso do *Congresso do Mundo Português*, no qual participaram historiadores portugueses e estrangeiros, em vários dias de debates profícuos², as intervenções de restauro em monumentos nacionais como o teatro de S. Carlos ou ainda o plano concertado de obras públicas, de que são exemplos destacados a construção do Aeroporto da Portela e do Estádio Nacional, projetaram as comemorações da efeméride para além da marca das ações transitórias³.

² DANTAS, Júlio; MATA, Caeiro da – Sessão Inaugural do Congresso do Mundo Português. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. Ano II N.º 19 e 20 (1940), p. 44-49.

³ Sobre o ideário que esteve subjacente à *Exposição* e, genericamente, sobre a sua concretização, cf. entre outros, os seguintes títulos: FRANÇA, José-Augusto – Os anos 40 na arte portuguesa. In FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – *Os anos 40 na Arte Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. tomo I, p. 23-42; SANTOS, Rui Afonso – A *Exposição do Mundo Português*. Celebração Magna do Estado-Novo salazarista. In FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes – *Mário Novaes: Exposição do Mundo Português 1940*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998, p. 57-79. Catálogo de exposição. ACCIAIUOLLI, Margarida – *Os anos 40 em Portugal. O país, o regime e as artes: “restauração” e “celebração”*. Lisboa: [s.n.]. 1991. Tese de doutoramento em História da Arte Contemporânea apresentada à Universidade Nova de Lisboa; BARROS, Júlia Leitão de – *Exposição do Mundo Português*. In BRITO, J. M. Brandão de; ROSAS, Fernando – *Dicionário de história do Estado Novo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. vol. I, p. 325-327; MÓNICA, Maria Filomena – *Exposição do Mundo Português*. In BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena – *Dicionário de história de Portugal*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 1999. vol. 7, p. 710-711; FERNANDES, José Manuel – *Português Suave: arquiteturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR-Departamento de Estudos, 2003; ALMEIDA, José Carlos – *Memória e identidade nacional: as comemorações públicas, as grandes exposições e o processo de (re)construção da nação*. In CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, Coimbra, 2004 – *Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais [Em linha]: actas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. p. 8-11. [Consult. 20.12.2016]. Disponível na internet: <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/JoseCarlosAlmeida.pdf>; ACCIAIUOLI, Margarida – *Exposições do Estado Novo. 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998. RAMALHO, Margarida de Magalhães; BELÉM, Margarida Cunha – *Exposição do Mundo Português: explicação de um lugar*. Lisboa: Fundação Centro Cultural de Belém, 2016.

A 11 de abril e a 2 de junho de 1938 foram publicadas duas portarias a indicar os responsáveis máximos pela organização e gestão do evento, na forma de uma Comissão Executiva. A 28 de outubro do mesmo ano, através do Decreto-Lei nº 29:087, foi criada a Comissão Nacional dos Centenários. Foi seu presidente e diretor da Secção de Congressos e presidente do *Congresso do Mundo Português*, Júlio Dantas. Para comissário da *Exposição* foi nomeado Augusto de Castro e, para comissário-adjunto e engenheiro-chefe, Manuel Sá e Melo.

O programa das festividades de 1940 foi dividido em três épocas, medieval, imperial e brigantina, e teve inauguração solene com um *Te Deum* na sé de Lisboa, no dia 2 de junho de 1940. O encerramento das comemorações teve lugar no dia 2 de dezembro do mesmo ano⁴.

A nomeação de uma equipa que iria coordenar todo o processo relativo à *Exposição*, principiou, como acima já mencionado, com a escolha de Augusto de Castro para comissário-geral, a 28 de dezembro de 1938, a que se vieram juntar, em janeiro do ano seguinte, o engenheiro Sá e Melo como comissário adjunto e Cotinelli Telmo na qualidade de arquiteto chefe. A equipa coordenava-se com a Comissão Executiva dos Centenários e respondia perante o ministro das Obras Públicas⁵.

O local escolhido foi Belém, assim justificado por Augusto de Castro:

Pareceu-me desde o primeiro momento que uma Exposição do Mundo Português - quer dizer, uma Exposição da História de Portugal - não poderia afastar-se da vida do Tejo, nossa estrada universal, caminho histórico da nossa imortalidade, centro geográfico da nossa civilização latina e atlântica⁶.

Tratou-se de privilegiar a relação simbólica e simbiótica de Portugal com o rio Tejo, e em particular com o local de onde, desde o século XIV, zarpavam os navios rumo a novos horizontes de mares, terras e povos ignotos.

A *Exposição* projetava-se em frente ao mosteiro dos Jerónimos, tendo como fronteiras a praça Afonso de Albuquerque e a Torre de Belém. Em redor da praça do Império edificaram-se os dez pavilhões e as secções especiais da *Exposição*, distribuídos de forma a tirarem o máximo partido visual da relação com o rio e com o emblemático mosteiro dos padres de S. Jerónimo, marca indelével da paisagem do sítio de Belém.

De forma quadrangular e tendo como centro a *Fonte Monumental*, a praça era delimitada pelos principais pavilhões da exposição; a oeste pelo *Pavilhão dos Portugueses no Mundo*, de Cottinelli Telmo e a este pelo *Pavilhão*

⁴ Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Comissão Nacional dos Centenários, *História Administrativa/ Biográfica /Familiar* [em linha]. [Consult. 5.1.2017]. Disponível na internet: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4161624>.

⁵ CASTRO, Augusto de – *A Exposição do Mundo Português e a sua finalidade nacional*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1940. p. 15.

⁶ Idem, *ibidem*, p. 16.

da Honra e de Lisboa, de Cristino da Silva, perpendiculares ao rio e separados do mesmo pela avenida da Índia e linha férrea.

A rematar a praça, a sul, encontrava-se o *Espelho de Água*, de António Lino, e o monumento *Padrão dos Descobrimentos*, também da autoria de Cottinelli Telmo, em colaboração com Leopoldo de Almeida, colocado sobre a doca de Belém em eixo axial com a praça.

A *Exposição* implicou a requalificação da zona ribeirinha, cujos efeitos são ainda hoje visíveis: casos do Padrão dos Descobrimentos ou do museu de Arte Popular. A zona, algo degradada, era ocupada essencialmente por antigas fábricas. O projeto visava criar uma zona urbana renovada, preservando a memória histórica e monumental do sítio de Belém (mosteiro dos Jerónimos, torre e palácio de Belém).

Os pavilhões erigidos e os seus respetivos arquitetos foram os seguintes:

1. *Pavilhão da Fundação de Portugal* (Raul Rodrigues de Lima); 2. *Pavilhão da Formação e Conquista* (Raul Rodrigues de Lima); 3. *Pavilhão da Independência* (Raul Rodrigues de Lima); 4. *Pavilhão dos Descobrimentos* (Pardal Monteiro); 5. *Pavilhão da Colonização* (Carlos Ramos); 6. *Pavilhão do Brasil* (Raul Lino); 7. *Pavilhão de Honra e de Lisboa* (Luís Cristino da Silva); 8. *Pavilhão dos Portugueses no Mundo* (Cottinelli Telmo); 9. *Pavilhão de Etnografia Metropolitana, com a reconstrução das aldeias portuguesas* (Almeida Segurado); 10. *Pavilhão da Vida Popular* (Veloso Reis).

2. O PROJETO *NAU PORTUGAL*

Podendo-se considerar vasta e multidisciplinar a bibliografia existente sobre a *Exposição do Mundo Português*, abordagens concretas, sistemáticas e interpretativas sobre a *Nau Portugal* são, em contrapartida, escassas. As questões relacionadas com o planeamento urbanístico levado a cabo para o sítio de Belém, antes e depois da *Exposição*, estudos sobre a arquitetura dos vários pavilhões, ensaios dedicados às figuras dos arquitetos envolvidos no processo, bem como enfoques nos monumentos que perduraram para além da efeméride, têm sido constantes, principalmente a partir dos anos 80 do século XX. Teses de doutoramento, entradas de dicionário ou textos publicados em revistas de carácter científico têm percorrido as inúmeras questões relacionadas com a *Exposição*, desde o seu carácter político e ideológico, passando pela leitura das relações dos artistas com o regime, até culminar nas implicações da *Exposição* na urbanística atual e projetos futuros para o sítio de Belém⁷. Apesar da multidisciplinaridade de olhares sobre o referido evento, que tem vindo a ser construída em anos recentes, a *Nau* não alcançou a mesma dimensão de reflexão. Referida, essencialmente, enquanto caso de estudo

⁷ Veja-se elenco de estudos referidos na nota 3.

de um projeto naval que se revelou desastroso, a embarcação recebeu atenção por parte de engenheiros navais e demais curiosos, que se debruçam sobre a história marítima portuguesa. Mesmo ao tempo da *Exposição*, e apesar da pompa com que foi inaugurado no Tejo, deste navio nunca se descolou a etiqueta do fracasso, facto que, possivelmente, contribuiu para o seu progressivo esquecimento enquanto objeto de estudo.

Se a bibliografia escrita é escassa, a informação visual sobre os seus interiores pauta pela quase inexistência nos arquivos públicos. As fotografias dos interiores da *Nau* resumem-se, essencialmente, àquelas publicadas por Pedro Batalha Reis na sua obra dedicada à *Exposição do Ouro*⁸ que teve lugar no interior da *Nau*, e às que Gustavo de Matos Sequeira divulga na edição: *Mundo Português. Imagens de uma exposição histórica*⁹.

As informações mais acuradas sobre as motivações e ideais subjacentes à construção da *Nau* e ao seu papel no contexto narrativo e ideológico da *Exposição do Mundo Português* são-nos oferecidas por Augusto de Castro, nos diversos textos que foi publicando na imprensa portuguesa, e que mais tarde foram compilados em monografia¹⁰. De forma idêntica, a *Nau* é enaltecida em texto de Gustavo de Matos Sequeira, profusamente ilustrado com fotografias de Amadeu Ferrari, António Santos de Almeida Júnior, Carvalho Henriques, Fernando Vicente, Horácio Novais, João Martins e Mário Novais¹¹.

A embarcação tornou-se motivo de interesse acrescido devido, especialmente, ao destaque dado ao seu polémico afundamento no dia da sua inauguração. A reflexão e crítica sobre o infeliz evento foram proferidas maioritariamente por parte de engenheiros navais como Sá Nogueira, responsável pela sua posterior recuperação¹².

Sobre o desaire ocorrido do dia em que foi lançada à água, adornando e virando-se completamente em poucos minutos, existe registo visual e áudio, em filme realizado e narrado por António Lopes Ribeiro¹³.

⁸ REIS, Pedro Batalha – A Exposição do Ouro a Bordo da Nau Portugal. *Revista Municipal*. N.º 28 e 29. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 1947. Separata.

⁹ SEQUEIRA, Gustavo Matos – *Mundo Português. Imagens de uma exposição histórica*. Lisboa: SNI, 1940. Imagem igualmente interessante, constante de um arquivo particular, esteve em *Exposição do Mundo Português* [Consult. 20.10.2014]. Disponível na Internet: http://tavares1952.no.sapo.pt/Expo1940/Lisboa1940ExpoMundoPortugues_16.JPG. Apesar da página se encontrar atualmente descontinuada, a foto visualizada em 2014, permitia descortinar três senhoras e um homem, no interior da *Nau*, fazendo-se fotografar encostados a duas colunas salomónicas de talha. As várias fotografias que se disponibilizam na internet são de imprescindível consulta para a construção da iconografia da *Nau*. Assim, cf. também disponível na internet: GARROCHINHO, António – *Nau Portugal. Construída nos estaleiros de Mestre Manuel Maria Bolais Mónica, na Gafanha da Nazaré, para fazer parte da Exposição do Mundo Português de 1940* [Em linha]. [Consult. 25.1.2017]. Disponível na Internet: <https://desenvolturasedesacatos.blogspot.pt/2016/06/nau-portugal-construida-nos-estaleiros.html>, LEITE, José Augusto – *Nau “Portugal”* [Em linha]. [Consult. 25.1.2017]. Disponível na Internet: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2015/05/nau-portugal.html>, AMARO, Rui – *Batelão “Nazaré” ex Nau “Portugal”* [Em linha]. [Consult. 25.1.2017]. Disponível na Internet: <http://naviosavista.blogspot.pt/2011/05/batelao-nazare-ex-nau-portugal.html>.

¹⁰ CASTRO, Augusto de, *op. cit.*

¹¹ Veja-se nota 9.

¹² NOGUEIRA, Salvador de Sá – “Nau Portugal”. Salvamento, libertação e sua condução de Aveiro para Lisboa. *Boletim da Ordem dos Engenheiros*. 48 (1940). Separata.

¹³ RIBEIRO, António Lopes realização e narração – *Documentário A Nau Portugal* [Em linha]. [Consult. 4.1.2017]. Disponível na internet: <http://www.cinept.ubi.pt/filme/8644/A+Nau+Portugal>.

A 3 de fevereiro de 1939, Augusto de Castro, ainda distante dos acontecimentos infelizes do dia do lançamento à água da embarcação e, antecipando o impacto da *Nau Portugal*, antevê:

Uma das curiosidades e atrações da Exposição será certamente representada pela reconstituição, nas suas dimensões e na sua admirável decoração, de uma das antigas naus comerciais da Carreira da Índia (...) Essa nau fundeada no Tejo, na doca da Exposição, será aberta ao público; nela haverá salas de festas, restaurantes, diante dum dos mais belos panoramas do Mundo – donde os nossos visitantes poderão participar nas festas marítimas que constituirão uma das atrações de 1940. A Construção da nau, de acordo com o sr. Ministro do Comércio, far-se-á por forma que, finda a Exposição, ela poderá ser utilizada como mostruário da propaganda industrial e comercial portuguesa¹⁴.

Também Gustavo de Matos Sequeira, referindo-se à *Nau* enquanto elemento fulcral da *Exposição*, afirmava:

Sem ele [Tejo], Portugal teria ficado diminuído nas suas possibilidades ráticas, apertadas num contorno geográfico de simples recursos agrários. Foi ele que nos abriu as maiores fronteiras (...), foi este o significado da *Nau Portugal*¹⁵.

O projecto *Nau Portugal* foi concebido e coordenado por Leitão de Barros, com base nos estudos do artista Martins Barata, coadjuvados pelo comandante da marinha Quirino da Fonseca. A escolha deste trio justificou-se, segundo os responsáveis pela *Exposição*, pela paixão e saber reconhecidos que partilhavam sobre o tema das embarcações portuguesas da época dos Descobrimentos.

A construção da *Nau* foi levada a cabo nos estaleiros *Mónica*, de mestre Manuel Maria Bolais Mónica, na Gafanha da Nazaré, um dos estaleiros mais conceituados, à época, na arte da construção naval em madeira.

Com 1300 toneladas e 50 metros de comprimento, caracterizava-se pelo escudo real nacional do fim de Seiscentos e pela escultura e lanternas em ferro que ostentava. O castelo da proa media cerca de 12 metros de altura e estava artilhada com 48 peças em bronze¹⁶.

No dia 7 de julho de 1940, com tudo a postos para o lançamento à água da *Nau*, juntou-se na Gafanha da Nazaré uma pequena multidão, entre representantes do governo, a sociedade ilustre de Aveiro, os mentores da conceção e da execução do navio e, naturalmente, o arcebispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal, a quem cabia abençoar a embarcação. A expectativa de ver a *Nau* navegar era proporcional à solenidade e pompa com que o evento fora planeado. No entanto e, para surpresa e choque dos presentes, o navio começou lentamente a adornar, até se virar completamente.

¹⁴ CASTRO, Augusto de, *op. cit.*, p. 24-25.

¹⁵ *Idem, ibidem.*

¹⁶ Exposição do Mundo Português. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. Ano II N.º 19 e 20 (1940), p. 30.



Figura 1 *Comemorações do Duplo Centenário – Exposição do Mundo Português. Vista panorâmica da Exposição do Mundo Português com a Nau Portugal ancorada no Tejo. Paulo Guedes, 1940. Arquivo Municipal de Lisboa (AML), PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/PAG/000356.*

Um dos relatos mais contrastados sobre o desastre teve por autor, o então arcebispo de Aveiro, D. João Evangelista Vidal que, no dia seguinte ao incidente, escreve:

(...) Eu dei-lhe a bênção do meu ritual (...) a esposa de Portugal cortou em triunfo pelo estaleiro e acordou alegremente a ria à entrada (...) de repente, porém, vimo-la nós todos entristecer, ela tombou a face para o lado, como quem já não tem força para resistir à morte, e caiu fulminada no leito das águas (...) Mónica, ó mestre, não foste tu só, durante a noite, a arrepelar os cabelos, a molhar das tuas lágrimas uma cama de febre (...) Mas sossega. Esta morte há-de ter a

sua ressurreição. Lázaro poderá estar quatro dias na sepultura, mas virá o taumaturgo que lhe há-de dizer:
– Levanta-te!¹⁷.

O taumaturgo, a que se referia D. João Evangelista Vidal, revelou-se na figura do engenheiro, de seu nome profético, Salvador de Sá Nogueira - administrador do Porto de Lisboa. Chamado, a fim de solucionar o problema, colocou-se como tarefa primeira a compreensão dos motivos de tal desastre e de “salvar” a *Nau*, de modo a que ainda integrasse a tempo a *Exposição do Mundo Português*.

Seguindo o texto publicado no Boletim da Ordem dos Engenheiros por Sá Nogueira, somos informados de que:

Além de um plano geométrico ou de formas que serviu para a construção da Nau nenhum outro elemento logrei obter (...) Porque se tratava de reprodução, com modificações não julgadas de substância, de tipo experimentado, entendeu-se (...) que tais elementos eram de dispensar (...) Esqueceu-se de recorrer ao eng.^o naval para o estudo da nau e do esquecimento resultou um acontecimento triste¹⁸.

Depois de devidamente reparada, a *Nau Portugal* entra na barra de Lisboa no dia 2 de setembro e é formalmente inaugurada, como parte integrante da *Exposição do Mundo Português*, no dia 7 desse mesmo mês.

No discurso de inauguração da *Nau*, proferido na doca de Belém, o comissário geral da *Exposição*, Augusto de Castro, nunca se referindo ao incidente ocorrido aquando do lançamento do navio ao mar na Gafanha da Nazaré, empreende, pelo contrário, uma narrativa na qual frisa as fontes literárias e científicas utilizadas no planeamento e execução do navio. Assim, destacou com autoridade que:

A nau “Portugal” inicia hoje, neste histórico lugar, a alegórica viagem do Mundo Português... representa esta nau um galeão da Carreira da Índia (...) A sua reconstituição foi escrupulosamente feita sobre obras nacionais, desde as crónicas de Garcia de Rezende e o “Livro das Armadas”, até aos estudos de Lopes de Mendonça, Quirino da Fonseca, a “História da Colonização Portuguesa”, de malheiro Dias e Roque Gameiro, onde colaboraram muitas ilustres competências. Nas obras de La Roérie, de Carl Laughton, de Laird Clowers, director conservador do Museu de Londres, nos modelos dos museus navais de Paris do “Science Museum Maritime”, do Museu de Greenwich, e investigação indispensável à realização de um empreendimento deste género (...) ¹⁹.

Continuando o seu discurso, salienta ainda o facto de na construção da *Nau* ter-se recorrido exclusivamente a mão-de-obra e materiais exclusivamente portugueses. “Tudo nesta nau é português, desde o plano, desde as folhas de ouro batidas que recobrem o painel monumental do seu castelo da popa, até à artilharia da época saída da nossa fábrica de Braço de Prata”.

¹⁷ *Jornal Correio do Vouga* (13 de julho de 1940). Transcrito no blogue: TEIXEIRA, Fernando – *A Nau Portugal* [Em linha]. [Consult. 22.1.2017]. Disponível na Internet: <http://amigosdeaveiro.blogs.sapo.pt/3741.html>. O autor da referida publicação salienta que o texto, embora indubitavelmente escrito pelo arcebispo de Aveiro, D. João Evangelista Vidal, não está assinado.

¹⁸ NOGUEIRA, Salvador de Sá, *op. cit.*, p. 5.

¹⁹ CASTRO, Augusto de, *op. cit.*, p. 188-189.



Figura 2 Página da revista *O Século Ilustrado* figurando a inauguração da *Nau Portugal*. Salazar e o cardeal Cerejeira são servidos a bordo da *Nau*. *O Século Ilustrado*. Nº 141 (14 setembro 1940), p. 9.

Numa primeira e única referência à talha, que adornava exteriormente a nau, refere que a mesma foi esculpida por mestre Abraão de Carvalho, natural do Porto.

Augusto de Castro qualifica nestes moldes a talha portuguesa: “rural, primitiva, com o seu gosto e ingénua (...) distingue-se da talha espanhola, mais sumptuosa, ou da talha italiana, mais escultural”²⁰.

O seu interior era forrado de talha dourada e ostentava damascos, tapeçarias, arcas, cofres, bronzes, vitrais e ferraria a completar a decoração. Nela decorreu a *Exposição do Ouro*, com exemplares de moedas portuguesas²¹.

²⁰ Idem, p. 191.

²¹ REIS, Pedro Batalha, *op. cit.*

Esteve ainda patente a *Exposição de Diamantes* da Companhia dos Diamantes de Angola, e fizeram-se também representar a Companhia Nacional e Colonial de Navegação, o Instituto do Vinho do Porto, a Real Companhia e a Vista Alegre.

A coberta principal albergou uma evocação da “Ala dos Mercadores”, com a exposição de tapeçarias, joias, pratos, antiguidades, marfins, tecidos orientais em arcas da Índia. Nos porões, foram instaladas duas adegas e à proa um luxuoso restaurante, que serviu de sala de receção oficial para as delegações estrangeiras que visitavam a exposição²².

3. O PROCESSO DE DECORAÇÃO DOS INTERIORES DA *NAU*: A ELEIÇÃO DA TALHA DOURADA

A *Nau Portugal* foi maioritariamente decorada nos seus interiores com talha dourada dos séculos XVII e XVIII. Para a compreensão desse processo, tutelado por várias entidades, consultou-se a documentação produzida à época, e hoje maioritariamente à guarda do Arquivo Histórico da Antiga Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), tutelado pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC) e do Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças (ACMF).

O primeiro documento localizado sobre o processo de cedência de talha destinada a decorar os interiores da *Nau* data de 17 de março de 1939 e nele se refere que, o Ministério das Obras Públicas e Comunicações, através do seu ministro, solicitara à DGEMN que pusesse à disposição do Dr. Leitão de Barros e do Comandante Quirino da Fonseca alguma talha retirada dos Monumentos Nacionais, a qual poderia servir para enriquecer os interiores da *Nau*. Compreende-se, assim, que o processo teve início cerca de um ano antes da data prevista para a inauguração do navio como elemento integrante da *Exposição do Mundo Português*. As diligências empreendidas pelo responsável pela decoração e *mise-en-scène* dos interiores da *Nau*, Leitão de Barros, com recorrência a talha dourada, são constantes e assertivas, envolvendo todas as instituições portuguesas responsáveis pelo acervo de talha, considerada já desapropriada para o culto.

Na carta dirigida ao diretor da DGEMN, datada de 17 de março de 1939, António de Almeida e Brito, chefe de gabinete do ministro das Obras Públicas e Comunicações, confirma o despacho do seu ministro, datado do dia 15 do mesmo mês, no qual se autoriza Leitão de Barros e Martins Barata a coordenarem-se com o diretor da DGEMN, a fim de escolherem “entre a talha dourada de entre os séculos XVII e XVIII, retirada dos Monumentos Nacionais alguma que possa ser adaptável ao enriquecimento decorativo da referida *Nau*”²³.

²² Exposição do Mundo Português. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. Ano II N.º 19 e 20 (1940), p. 30.

²³ Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças (ACMF), Direção Geral da Fazenda Pública. *Nau Portugal*, (PT/ACMF/DGFP/RP/MOVMB/048). [Consult. 15.01.2017]. Disponível na internet: http://purl.sgmf.pt/319927/1/319927_item1/index.html.

Na missiva seguinte, emitida pelo comissário adjunto da *Exposição*, Manuel Sá e Melo, a 22 de junho de 1939, e dirigida ao diretor geral da Fazenda Pública, solicita-se autorização à DGEMN para cedência de talha “arrancada dos edifícios que a mesma Direcção geral tem restaurado e que se encontra em depósito, a qual aplicada agora na Nau Portugal, também património do Estado, ficaria assim valorizada”²⁴. O pretexto torna-se assim duplo: para além do enriquecimento decorativo da *Nau*, à talha confere-se a possibilidade de valorização, resgatando-a da situação de depreciação e conseqüente degeneração a que estava condenada, sobretudo pela forma como se encontrava acondicionada nos armazéns da DGEMN e, ainda, em dependências de antigos conventos e igrejas²⁵.

O despacho ministerial autorizando a DGEMN a ceder talha dos Monumentos Nacionais intervencionados por essa instituição foi emitido a 28 de junho do mesmo ano, sendo comunicado pelo diretor da Fazenda Pública, Luís Gomes, ao comissário adjunto da *Exposição*, Manuel de Sá e Melo, no dia 1 de julho desse mesmo ano²⁶.

A carta seguinte, datada de 12 de julho de 1939, a qual consta igualmente do processo *Nau Portugal*, à guarda do arquivo da antiga DGEMN, revela-se de importância fulcral para o presente estudo. Nela, o arquiteto diretor da DGEMN, informa o diretor geral da Fazenda Pública, que ao Sr. Leitão de Barros já tinham sido mostradas:

algumas talhas de altares e outras peças, retiradas com as obras de restauro do Mosteiro da Batalha, Alcobaça e Matriz da Lourinhã... devendo, no fim da próxima semana ser-lhe mostradas as referentes às igrejas de Jesus, em Setúbal, de S. Francisco, de Evora; de S. Domingos, de Elvas; do Crato; de Sta Clara, de Portalegre; Sé de Portalegre e outras²⁷.

Paralelas ao decorrer destas diligências, outras de carácter mais sensível e imprescindíveis ao bom andamento das obras na *Nau*, não foram descuradas. A 25 de julho de 1939 é emitida uma carta assinada pelo padre Amadeu Pena, do Seminário dos Olivais, endereçada ao Dr. António Luís Gomes, dando a saber que, da conversa havida com o Cardeal Patriarca de Lisboa, sobre a utilização de talha dourada proveniente de igrejas e conventos, tinha saído a seguinte conclusão: a talha que se encontrasse “dispersa ou arrumada” proveniente de culto já não existente, poderia ser livremente utilizada. No entanto, esta intervenção teria de ser rodeada do máximo cuidado, pois, segundo o Cardeal Patriarca, desmanchar objetos ainda úteis ao culto poderia ser considerado profanação e até contra os princípios constitucionais²⁸.

²⁴ *Idem, ibidem*.

²⁵ Sobre os processos de restauro de edifícios românicos e góticos portugueses, levados a cabo pela DGEMN, os quais implicaram frequentemente o apeamento, dispersão e perda de estruturas de talha dourada, veja-se o estudo de NETO, Maria João – *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)*. Porto: FAUP, 2001.

²⁶ ACMF, Direcção Geral da Fazenda Pública. *Nau Portugal* [Em linha], (PT/ACMF/DGFP/RP/MOVMB/048). [Consult. 15.01.2017]. Disponível na internet: http://purl.sgmf.pt/319927/1/319927_item1/index.html.

²⁷ Nau de Portugal para a Exposição do Mundo Português 1939. In PORTUGAL, Direcção Geral do Património Cultural – *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico* [Em linha]. (PT DGEMN:DSARH-010/000-0252). [Consult. 2.1.2017]. Disponível na internet: <http://www.monumentos.pt>.

²⁸ ACMF, *op. cit.*

Na sequência do aval dado pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Cerejeira, à utilização de talha de altares desmanchados, surge a carta de 31 de julho de 1939 emitida pelo diretor geral da Fazenda Pública, António Luís Gomes, e endereçada ao diretor geral da DGEMN, referindo que, por despacho ministerial de 28 desse mesmo mês, era autorizada a “cessão a título precário da talha dispersa dos altares desmanchados e outras peças que sirvam para aplicar na “Nau Portugal”. Reforça-se, no entanto, que não serão desmantelados altares que ainda possam ser utilizados para o culto. Nesta mesma missiva, o diretor geral da Fazenda Pública exige que seja elaborada por parte da DGEMN uma relação de toda a talha cedida com indicação dos respetivos locais de origem²⁹. Esta relação de peças, a ter efetivamente existido, encontra-se omissa do conjunto de documentos referentes ao processo *Nau Portugal*, constante dos arquivos da antiga DGEMN e do ACMF. A expressão “cessão a título precário”, aponta para um empréstimo e um usufruto temporários da talha. Finalizada a *Exposição* e a função de *Nau* de aparato na mesma, a talha deveria retornar para os armazéns da DGEMN.

Data de 12 de outubro de 1939 uma carta de Leitão de Barros endereçada ao arquiteto Baltasar de Castro da DGEMN a combinar uma ida a Évora e a Portalegre, com muita urgência, com o objetivo de visionar talha destinada a completar o estudo da ornamentação da *Nau Portugal*³⁰. Pelo teor da carta de Leitão de Barros compreende-se que, estando-se já no último trimestre do ano de 1939, se tornava premente, para o responsável pela decoração deste navio de aparato, o conhecimento *in situ* de todo o material de que poderia dispor para a recriação dos ambientes cenográficos que pretendia ensaiar na *Nau*. A demanda por talha desmanchada e armazenada continuava, assim, em finais de 1939, mesmo depois de ter sido já visionada em julho desse mesmo ano aquela referente aos mosteiros da Batalha, de Alcobaça e aos conventos de Jesus de Setúbal, de S. Francisco de Évora, de S. Domingos de Elvas, do Crato, de Santa Clara de Portalegre e da sé da mesma cidade, bem como aquela referente à igreja matriz da Lourinhã. Depreende-se desta ida a Évora e a Portalegre, de Leitão de Barros, que o artista pretendia considerar todas as possibilidades oferecidas para a decoração da embarcação e não pouparia esforços na sua demanda pelo aparato e magnificência que deveriam marcar a sua obra maior patente na *Exposição do Mundo Português*. Sendo a *Nau*, denominada *Pavilhão do Mar*, era de facto o elemento da *Exposição* que melhor simbolizava a gesta marítima portuguesa. A responsabilidade e a vontade de Leitão de Barros, em deixar a sua marca de conceituado diretor artístico de eventos públicos de grandes dimensões, já reconhecido por outras intervenções, foi notória na forma como geriu a tarefa que lhe imputaram.

Dias depois da jornada a Évora e a Portalegre, empreendida por Leitão de Barros e pelo arquiteto Baltasar de Castro, da DGEMN, concretamente a 24 de outubro, regista-se novo pedido de cedência de talha por parte do comissário adjunto da *Exposição*, Manuel de Sá e Melo, ao diretor geral da Fazenda Pública. Desta feita, são requisitados alguns pedaços de talha que se encontravam na igreja matriz do Torrão, que nas palavras do diretor adjunto se encontrava ao presente “em ruínas e destelhada”. Tais pedaços encontravam-se a apodrecer e à chuva,

²⁹ Idem, *ibidem*.

³⁰ Talhas douradas para a Nau de Portugal. In PORTUGAL, Direção Geral do Património Cultural, *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico* [Em linha]. (PT DGEMN:DSMN-001-0348/03. [Consult. 2.1.2017]. Disponível na internet: <http://www.monumentos.pt>.

segundo este testemunho, corroborado pelo do diretor da DGEMN, que adianta ainda: “O seu emprego na referida Nau é uma valorização do património nacional, pois a talha está irremediavelmente perdida por se encontrar ao tempo devido à igreja já não ter tecto”.

As negociações entre as várias instituições responsáveis por este acervo, Ministério da Fazenda Pública, a DGEMN, a repartição de Finanças de Setúbal e a secção de Finanças de Alcácer do Sal está documentada em sucessivas missivas trocadas entre os dias 27 de outubro de 1939 e 2 de novembro do mesmo ano. A carta de 27 de outubro, expedida pelo diretor geral da Fazenda Pública, António Luís Gomes, e dirigida ao comissário da *Exposição do Mundo Português*, informa que o pedido de cessão de talha da igreja matriz do Torrão tinha já sido entregue na repartição de Finanças de Setúbal. Naquela missiva, António Luís Gomes instruíra essa repartição de Finanças a prover à recolha e acondicionamento apropriado da talha que estava desmanchada na igreja matriz do Torrão. Refere ainda que no ato da cessão das peças ao comissariado geral dos Centenários deveria ser lavrado auto no qual se discriminassem quais as peças entregues e o fim a que se destinavam. Lembra ainda que se deverá averiguar se dentro da referida igreja existem mais objetos de valor artístico ou religioso e o motivo pelo qual se encontram ao abandono.

Na resposta da secção de Finanças de Alcácer, datada de 2 de novembro, dirigida à direção de Finanças de Setúbal, faz-se saber que a talha deverá ser retirada por operários experientes, e que não os havendo no Torrão, os mesmos deverão vir de Lisboa. Informa ainda que na capela lateral da invocação de Nossa Senhora do Rosário também existe talha que deveria ser retirada, do mesmo modo que se iria retirar a do altar-mor. Acrescenta ainda que o estado de abandono e ruína em que se encontra a igreja, principalmente a capela-mor, que se encontrava destelhada, é devido à falta de verba para a sua recuperação, ajuda que se esperava viesse do Estado português.

Sobre o desfecho deste caso, a documentação apresenta-se omissa, pois existe um telegrama emitido a 6 de novembro de 1939 pelo diretor geral da Fazenda Pública, no qual recomenda ao chefe da repartição de Finanças de Setúbal que suspenda o envio da talha, sem prejuízo de guardar e acondicionar as peças, de forma a não haver desvios ou deterioração das mesmas. No dia 18 do mesmo mês, o diretor das Finanças de Setúbal emite ofício dirigido ao diretor geral da Fazenda Pública, informando-o do cumprimento da recomendação, referindo que não se entregarão as peças até nova ordem³¹.

Paralelamente a estas demandas, outras não menos relevantes decorriam entre o comissário geral da *Exposição do Mundo Português*, Augusto de Castro, o diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), ao tempo, João Couto, e o diretor geral do Ensino Superior e das Belas Artes.

³¹ ACMF, *op. cit.*

A 1 de fevereiro de 1940, Augusto de Castro escreve a João Couto nos seguintes termos:

Exmo. Senhor:

Como é do conhecimento de V. Exa., na futura Exposição do Mundo Português, figurará a reconstituição duma Nau Comercial da Carreira da Índia.

Não é possível, dada a verba orçamental reduzida, completar, em todos os seus pormenores, a referida embarcação, nem mesmo, para o curto período que dura o Certame, se justificaria que determinados adornos e mobiliário fossem feitos em bons materiais propositadamente. Com a boa vontade de alguns directores de Museus e da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, e ao abrigo das disposições legais (artigo 23 do decreto n.º 29.087 de 28 de Outubro de 1938), tem sido possível reunir, por empréstimo, e a requisição da Comissão Executiva dos Centenários, algumas peças que bastante valorizam o interior do referido navio.

Vinha pois solicitar a V. Ex.^a se dignasse receber o Director Artístico da Nau, Senhor Leitão de Barros, a fim de que fosse estudada a hipótese desse Museu ceder, por empréstimo, à semelhança de outros, algumas peças como arcas, mesas, contadores ou outros quaisquer móveis que V. Ex.^a entendesse poderem, com a sua informação favorável, permanecer, durante o período da Exposição, na citada reconstituição de arquitectura naval³².

João Couto responde favoravelmente a 8 de fevereiro, exprimindo a sua total disponibilidade para receber Leitão de Barros, a fim de que este examine as coleções³³. A nova troca de missivas, desta feita entre João Couto e o director geral do Ensino e das Belas Artes data de 21 de fevereiro. Nesta carta, João Couto refere que remete ao mesmo director geral, o ofício que recebeu do comissário geral da *Exposição do Mundo Português*, datado do dia 12 do mesmo mês. Segundo o director do MNAA, o comissário da *Exposição* pediu vários objetos à guarda do Museu, de que constavam: um bufete pequeno; um altar com talha e pinturas, pequeno; um escudo com as quinas em talha; dez arcas de couro, em mau estado; oito baús com ferragens em mau estado; três bancos de dobradiça em mau estado; três bufetes do século XVII; quatro bases de vitrines; um contador hispano-árabe; duas cadeiras de couro, de dobrar; uma arca pequena; uma urna dourada de vidro; dez lanternas diversas do século XVIII; dois lanternões do século XVII; vinte cadeiras de couro, século XVII.

³² Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arte Antiga (AHMNA), *Processos*, 8. Comissão Nacional dos Centenários. 1940.

³³ AHMNA, Correspondência de João Couto, *Livro de Janeiro a Dezembro de 1940*, 1.º 1.481.



Figura 3 *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português. Nau Portugal tendo como fundo o monumento efêmero Padrão dos Descobrimentos. Paulo Guedes, 1940.*
AML, PT/AML SB/CMLSBAH/PCSP/004/PAG/000385.

Sobre essa cedência, João Couto tece várias considerações, que expõe sucintamente em cinco pontos:

- 1.º Muitos dos objectos requisitados especialmente as arcas e os bancos de dobradiça, estão em mau estado de conservação, precisando de minucioso restauro.
- 2.º No caso de ser autorizada a saída das peças, devem, em nosso parecer, ser utilizadas apenas para decorar os compartimentos a que se destinam.
- 3.º Neste momento não é possível dizer com segurança se certos objectos, em especial algumas arcas, serão necessários para o arranjo da exposição de pintura antiga e reproduções de escultura que se inaugurará no Museu em Julho do corrente ano.

4.º As duas cadeiras de couro, de dobrar, foram pedidas apenas para servir de modelo a outras, que segundo parece, há tenção de encomendar.

5.º No caso de ser autorizado o empréstimo dos objectos a que a lista se refere, há como disse, necessidade de os restaurar. Entende-se que esse restauro deve ser executado na oficina que funciona junto deste museu, correndo as despesas, previstas nos orçamentos que se elaborarem, por conta da Comissão Nacional dos Centenários³⁴.

Terminada a *Exposição do Mundo Português*, João Couto escreve, a 8 de janeiro de 1941, ao inspetor do Serviço de Empréstimos da Comissão Executiva dos Centenários, dando conta que duas cadeiras de couro de dobradiça, emprestadas para a *Nau Portugal* vieram danificadas, pedindo as verbas necessárias para o seu restauro³⁵. No dia 3 do mês seguinte envia nova missiva ao mesmo destinatário, afirmando que ainda estavam na *Nau Portugal* alguns objetos pertencentes ao museu das Janelas Verdes, “que conviria, como já sucedeu a todos os restantes empréstimos, fazer regressar a esta instituição”³⁶.

Os objetos elencados eram os seguintes: 2 baús de couro com pregaria; 3 bases de vitrines; 2 lanternas de cobre – século XVII; 4 lanternas de ferro – século XVIII; 6 lanternas de latão – século XVIII.

Entre abril e maio de 1941 trocam-se officios entre João Couto e a Comissão dos Centenários relativamente a custos derivados dos restauros efetuados às peças que foram emprestadas pelo Museu e que sofreram estragos. A 27 de fevereiro de 1941, o MNAA envia fatura à Comissão dos Centenários no montante de 120\$00 referente ao arranjo das duas cadeiras que vieram danificadas e a 15 de abril do mesmo ano, o comissário adjunto da *Exposição do Mundo Português*, Manuel de Sá e Melo, envia um officio dirigido a João Couto no qual agradece o empréstimo das peças e as devolve ao museu. No dia 30 do mesmo mês, o MNAA pede orçamento à Sociedade Industrial Metalúrgica, a fim de mandar restaurar 11 lanternas de ferro e cobre que decoravam a *Nau Portugal*. O orçamento é de 2.130\$00. Finalmente, no dia 1 de maio seguinte, João Couto escreve ao inspetor do Serviço de Empréstimos da Comissão Nacional dos Centenários, referindo que foram entregues ao museu, em mau estado e redouradas, as lanternas emprestadas. Pede que sejam dadas ordens para proceder ao seu concerto de acordo com o orçamento que envia junto³⁷.

Como facilmente se constata pelas diligências relatadas anteriormente, o processo de decoração e apetrechamento dos interiores da *Nau Portugal* foi moroso e envolveu entidades diversas que contribuíram cada uma com as valências de que dispunham para criar os ambientes desejados por Leitão de Barros. A consideração do processo que envolveu o MNAA nos empréstimos de peças destinadas à *Nau* desvenda e clarifica, ainda que parcelarmente,

³⁴ AHMNAA, Correspondência de João Couto, *Livro de Janeiro a Dezembro de 1940*. 1.499.

³⁵ Idem, *Livro de Janeiro a Dezembro de 1941*. 183.

³⁶ Idem, *ibidem*.

³⁷ AHMNAA, *Processos Referentes à Comissão Nacional dos Centenários*, 1941.



Figura 4 Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português. Vista da Nau Portugal. Eduardo Macedo Portugal, 1940. AML, PT/AMLSB/CMLSBHAH/PCSP/004/EDP/001550.

os trâmites pelos quais se regeram, quer esses mesmos empréstimos, quer posteriormente as ações e condições de devolução das peças cedidas.

Continuando no universo de empréstimos e cedências relativos à talha utilizada para a decoração da Nau, revela-se interessante um pedido do pároco da igreja matriz de Borba, José Maria Gonzaga Vinagre, efetuado a 23 de abril de 1940. Desejava o referido padre que lhe fosse facultada, para as obras do altar-mor da sua igreja matriz, alguma talha que tivesse sobrado daquela escolhida por Leitão de Barros para ornar a *Nau*. A resposta é emitida



Figura 5 *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português. Nau Portugal vista de proa. Paulo Guedes, 1940. AML, PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/PAG/000386.*

a 2 de maio seguinte pela Direção Geral da Fazenda Pública. Nela se afirma que da construção dos interiores da referida embarcação não sobrou nenhuma talha e que, por tal, o pedido do pároco de Borba não poderia ser satisfeito³⁸.

Como se constata pela data do pedido do pároco de Borba, este é efetuado ainda antes da conclusão das obras de decoração do referido navio e inaugura de algum modo um conjunto de pedidos e reclamações sobre a talha que decorava a *Nau*. Sintomático é o caso do pedido do pároco da igreja matriz do Torrão, Manuel Gregos que, em

³⁸ ACMF, *op. cit.*

carta de 13 de junho de 1946, solicita ao diretor do MNAA, João Couto, a cedência de alguma talha existente nos armazéns do mesmo museu, a fim de colmatar a perda daquela que foi da matriz do Torrão destinada a decorar a *Nau Portugal*.

Tendo sido informado por S. Ex.^a Revma. o Senhor Arcebispo de Évora, da existência no Museu de que V. Ex.^a é mui dignissimo director, de obra de talha, mais que bastante, para (em substituição da que foi levada da freguesia do Torrão e figurou na Nau- Portugal), ser colocada na capela-mor da igreja Paroquial desta freguesia; venho pedir o favor de me dizer se realmente V. Exa. fez esta declaração a Sua Exa. Reverendissima e, ainda, se encontra disponível essa obra de talha.

Esta justa reclamação vem arrostando-se há anos, não obstante, na presença de pessoas mais categorizadas do Torrão, os Exmos. Senhores Governador Civil de Setúbal e Engenheiro Arquitecto Baltasar de Castro, em nome do Governo, terem tomado o compromisso formal de: ou tornar a colocar, depois de restaurada, a que lhes foi cedida, ou então outra que, dignamente, a substituísse.

Trata-se dum questão de dignidade; por isso, estou certo, V. Exa. dignar-se-há cooperar neste acto de rudimentar justiça (...)³⁹.

João Couto mostra empatia e é sensível ao pedido do pároco do Torrão, solidariedade derivada provavelmente do partilhar de experiências negativas relativamente ao processo de cedências de bens artísticos para a *Nau Portugal*. Assim, a 22 de junho seguinte escreve ao diretor geral do Ensino Superior e Belas Artes, apresentando o pedido do pároco do Torrão como perfeitamente justificado, e aliás já sufragado pela própria DGEMN, “pelas circunstâncias em que da sua igreja foi retirada a antiga talha do altar-mor”⁴⁰.

Sabe-se que o processo se concluiu em novembro do mesmo ano de 1946, data em que João Couto escreve ao mesmo diretor geral do Ensino Superior e das Belas Artes a comunicar que a DGEMN emitiu ofício n.º 11130 a respeito da cedência de um altar de talha para a igreja do Torrão:

O Museu pode ceder sem nenhum prejuízo o altar n.º 862, proveniente da igreja do convento do Sacramento. Devo informar V. Ex.^a que a obra de arte em questão destina-se a substituir outro altar que daquela igreja Paroquial foi retirado em 1940 para ser utilizado na *Nau Portugal*⁴¹.

Ainda na continuidade da temática da talha requisitada e deslocada para decorar a *Nau*, assinala-se uma carta datada de 25 de janeiro de 1940, escrita pelo comissário adjunto da *Exposição* ao diretor geral da Fazenda Pública, pedindo a cessão de talha da sé do Porto e de Braga, bem assim como de um portão da sé de Braga e outro do Porto para figurarem na *Nau Portugal*. Em 1942, a repartição de Finanças do Porto afirma que foi levado um portão da sé e uma camioneta carregada de talha para a *Nau Portugal* e indaga do destino desse espólio.

³⁹ AHMNAA, *Registo de correspondência remetida*, Livro n.º 23, 1946.

⁴⁰ Idem, *ibidem*.

⁴¹ Idem. Sobre o tema cf. FERREIRA, Sílvia – A retabulística barroca entre o Liberalismo e a actualidade: mecanismos de alienação e de conservação de um património. O papel do Museu Nacional de Arte Antiga. In GLÓRIA, Ana Celeste – *O retábulo no espaço ibero-americano*[Em linha]: *forma, função e iconografia*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa, 2016. p. 247-261. [Consult. 10.12.2016]. Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10362/16423>. Cf. especialmente as p. 256-257.

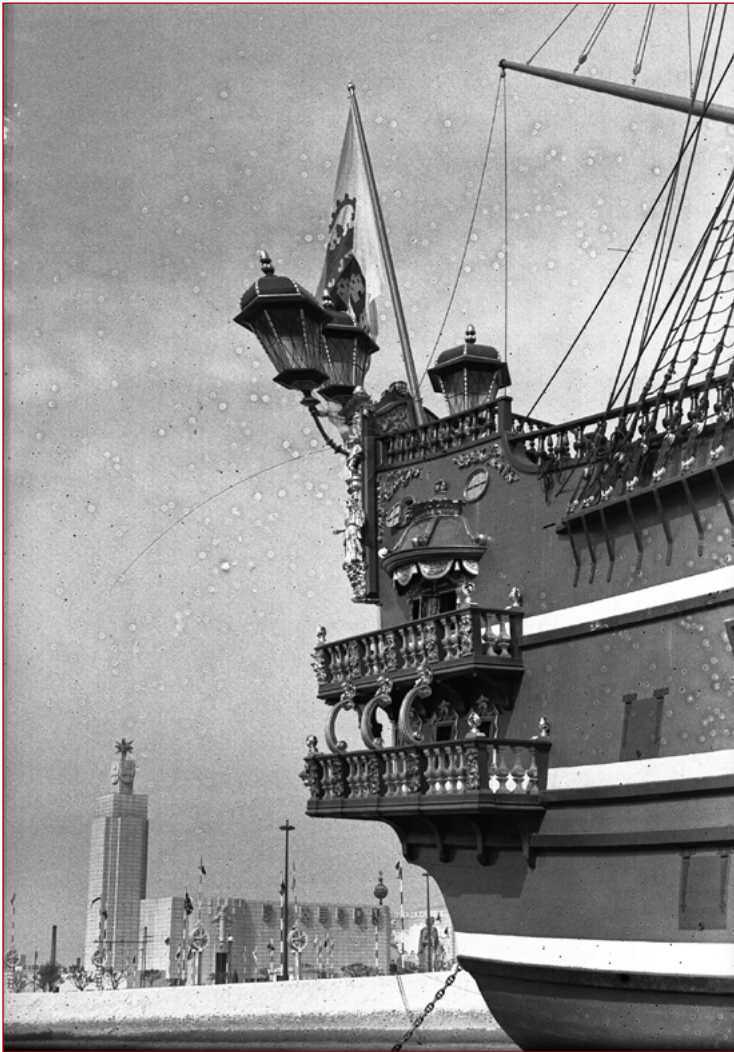


Figura 6 Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português. Vista dos varandins da *Nau Portugal*. Álvaro Ferreira da Cunha, 1940. AML, PT/AMLSB/CMLSB AH/PCSP/004/FEC/000246.

Em 1942, a repartição de finanças de Braga refere que a talha e o portão da sé do Porto ainda estavam de posse da direção da *Exposição do Mundo Português*. Em 1943 o diretor da DGEMN esclarece que foram retirados dois portões de ferro das sés de Braga e do Porto e fragmentos de talha para serem aplicados na *Nau Portugal*. Finalmente, a 12 de dezembro de 1947 e depois da insistência da repartição das finanças de Braga, querendo saber o destino dado ao portão da sé e à talha, é referido pelo diretor da DGEMN, em missiva ao diretor da Fazenda Pública, que o portão estava velho e arruinado e não foi aproveitado para a referida *Exposição* e que a talha da *Nau*, certamente se perdeu depois da sua desativação⁴².

⁴² ACMF, *op. cit.*



Figura 7 *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português.*
Vista da popa da *Nau Portugal*. Álvaro Ferreira da Cunha, 1940.
AML, PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/FEC/000247.

Encerrada a *Exposição do Mundo Português*, a 2 de dezembro de 1940, a *Nau Portugal* continuou atracada em Belém, esperando um destino condigno. No entanto, a 15 de fevereiro do ano seguinte, Portugal é assolado por um violento ciclone que devastou várias cidades do país. Lisboa não foi exceção e a *Nau Portugal*, ancorada em Belém, não escapou à violenta ação do fenómeno atmosférico. O Jornal *O Século* destacou na sua primeira página de 16 de fevereiro de 1941, o terrível ciclone que afetou Portugal, causando vítimas e avultados prejuízos materiais, salientando precisamente os efeitos devastadores que teve na *Nau*.

A nau “Portugal” ficou desmantelada, sem mastros, sem talhas douradas, e a afundar-se (...) De manhã rebentaram as espias do lado Sul e o navio foi de encontro à margem Norte da doca. Socorrida, ficou de novo a alguns metros da

margem Norte, mas às 16 horas como o ciclone redobrasse de fúria, a nau deslocou-se e embateu contra a muralha Leste. A mastreação ficou destruída e apoiada sobre a muralha (...) Às 22 e 30 com a aproximação da baixa mar, a nau caiu para bombordo, arrastando para dentro de água toda a mastreação apoiada sobre a muralha.

Conserva-se nesta posição com água aberta. Dois homens que se encontravam a bordo a tomar conta do navio foram de ali retirados por correrem perigo.

Ficaram inutilizados os mastros e todos os trabalhos de talha que enriqueciam aquela embarcação, a qual começou a meter água e a afundar-se lentamente, visto um dos bordos estar ainda defendido pela muralha⁴³.

Depois deste acidente, que pareceu confirmar a nuvem negra que pairou sobre este navio desde a sua largada à água, na Gafanha da Nazaré, a história da *Nau Portugal* e do seu recheio perde-se numa nebulosa de acontecimentos pouco documentados e de difícil verificação. Devido aos estragos avultados que inviabilizaram a sua recuperação na forma original, foi vendida à Companhia Colonial de Navegação que a converteu em 1942 no batelão *Nazaré*, destinado a efetuar transportes de mercadoria ao longo da costa portuguesa⁴⁴.

Quanto ao destino da talha que ornamentava os interiores da *Nau Portugal* permanecia uma incógnita até à leitura de uma referência fortuita numa crónica de João Bénard da Costa. Em texto publicado por este ensaísta no *Jornal Público*, e compilado no livro *Crónicas: Imagens Proféticas e Outras*, refere o autor:

Ainda nada sabia de latim, já ajudava às missas de Monsenhor Porfírio da Cruz Quintella, Prior da Golegã, na capela da casa do Dr. Bustorff Silva, na Arrábida. A talha dourada da capela diziam-na recuperada ou desviada da nau “Portugal” da Exposição de 1940⁴⁵.

⁴³ Um Ciclone Sobre Lisboa. *Jornal o Século*. (7 de fevereiro de 1941), p. 2.

⁴⁴ Sobre esta “segunda vida” da *Nau*, veja-se disponível: AMARO, Rui – *Batelão “Nazaré” ex Nau “Portugal”* [Em linha]. [Consult. 25.1.2017]. Disponível na Internet: <http://naviosavista.blogspot.pt/2011/05/batelao-nazare-ex-nau-portugal.html>.

A construção e decoração da *Nau Portugal*, envolvida em situações nebulosas e irregulares desde a sua conceção até ao seu derradeiro naufrágio em fevereiro de 1941, terá sido alvo de várias críticas, sendo que a mais jocosa saiu da pena de um autor que se apresentava em 1941 com o nome de Fernão de Moraes, conde de Villas Boas. Escrevendo à maneira do século XVII-XVIII, não se coibiu de denunciar, o que segundo ele foi um negócio proveitoso para um conjunto de homens abastados, que transformaram a *Nau Portugal* em local onde se ia para: “comer, &, cantar, & bailar, & folgar a seu modo pelos porões, & baileos, & outros sítios mais escusos, com as moças que lá se encontravam, & pera isso tinham sido ajustadas”. MORAES, Fernão de – *Historia Comico-Maritima. A Nau Portugal. Relaçam dos Naufragios que teue a Nau Portugal em Aueiro e em Lisboa nos annos de 1940 e 1941*. Porto: Edição do autor, 1940. p. 8.

⁴⁵ COSTA, João Bénard da – *Crónicas: imagens proféticas e outras*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010. p. 77.



Figura 8 CUNHA, *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português. Nau Portugal*. Pormenor da proa. Álvaro Ferreira da Cunha, 1940. AML, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FEC/000244.



Figura 9 *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português. Nau Portugal*. Pormenor do escudo de Portugal ladeado por figuras de vulto (recorte da autora). Álvaro Ferreira da Cunha, 1940. AML, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FEC/000244.

Através de contactos com membros da família Bustorff Silva, confirmou-se a aquisição de uma camionete de talha oriunda da *Nau Portugal* pelo Dr. António Bustorff Silva⁴⁶. Segundo testemunho oral, esta talha depois de resgatada terá sido oferecida a conhecidos e incorporada nas várias casas que o comprador possuía ao tempo.

⁴⁶ Biografia profissional de António Júdice Bustorff Silva está disponível em: PORTUGAL. Assembleia da República – *António Júdice Bustorff Silva* [Em linha]: *legislaturas: VIII, IX*. [Consult. 2.1.2017]. Disponível na Internet: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/OsProcuradoresdaCamaraCorporativa%5Chtml/pdf/s/silva_antonio_judice_bustorff.pdf.

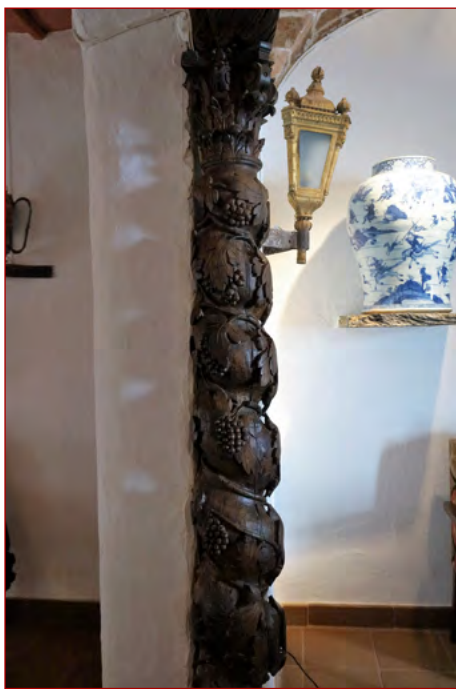


Figura 10 Coluna torsa em madeira com cachos de uvas e folhas de videira. Sala Casa Monsaraz. Foto da autora.



Figura 11 Paineis de talha com duas figuras híbridas. Sala Casa Monsaraz. Foto da autora.

Uma das casas que pertenceu a António Júdice Bustorff Silva, e que visitámos, situa-se na vila de Monsaraz no Alentejo. O atual proprietário gentilmente aceitou mostrar-nos o espólio da casa e verificou-se a existência de várias peças de talha, nomeadamente um par de colunas torsas, que poderão ser oriundas do espólio da *Nau*⁴⁷.

Quanto às ofertas com que terá presenteado amigos próximos, destaca-se aquela que fez ao 10.º marquês de Fronteira, D. Fernando Penalva de Mascarenhas (1910-1956). Ao marquês foram ofertadas duas esculturas de grande vulto, que exibem símbolos de peregrino conotados com Santiago⁴⁸. Depois de uma análise minuciosa

⁴⁷ Agradecemos ao Dr. João Antunes a gentileza do acolhimento em sua casa e a possibilidade de ver e fotografar as obras de talha que possui. Quanto às outras casas, que terão pertencido a António Júdice Bustorff Silva, e que atualmente pertencerão a seus descendentes ou outros proprietários, o respeito pela privacidade dos mesmos, depois de algumas sondagens no sentido de visitar os locais, susteve temporariamente o prosseguimento da localização do remanescente deste espólio.

⁴⁸ Sobre estas estátuas cf. FERREIRA, Sílvia – A arte da talha portuguesa: intermitências do gosto entre a unanimidade e a rejeição. In RODRIGUES, Ana Duarte – *O gosto português na arte*. Lisboa: Scribe. 2016. p. 69-80, especialmente as p. 71-76. Idem – Reshaping the law. Nineteenth-century anticlericalism in Portugal and its impact on religious art: the case of gilded wood carving. *Art Antiquity and Law*. Londres: Art & Law Institute. Vol. XXI N.º 3 (2016), p. 257-268. Agradecemos ao atual marquês de Fronteira, D. José de Mascarenhas, a autorização concedida na visita ao local onde se encontram as estátuas. Uma palavra de agradecimento especial também para o Dr. Pedro Cassiano Neves, pela informação sobre as estátuas oferecidas ao 10.º marquês de Fronteira e as facilidades concedidas para a sua observação.

das fotografias disponíveis da *Nau*, quer aquelas do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, quer as pertencentes à coleção da Fundação Calouste Gulbenkian, chegou-se à conclusão que as duas estátuas oferecidas ao 10.º marquês de Fronteira, e que atualmente se conservam no palácio Fronteira, são aquelas que decoravam a proa da *Nau*, ladeando o gigantesco escudo de Portugal. Esta é, na nossa opinião, a mais cabal prova de que, pelo menos parte da talha que pertenceu à *Nau Portugal*, foi de facto adquirida pelo colecionador António Júdice Bustorff Silva e eleita para ornar e dignificar, quer propriedades suas, quer edifícios tão emblemáticos como o Palácio dos marqueses de Fronteira.

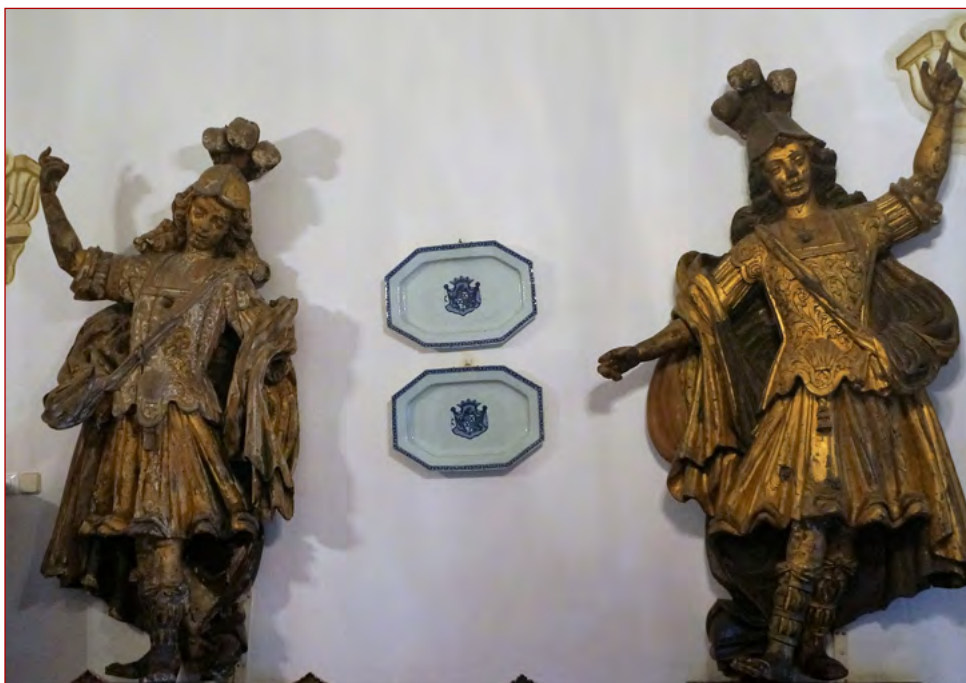


Figura 12 Par de esculturas de vulto com atributos de Santiago. Palácio dos marqueses da Fronteira. Lisboa. Foto da autora.



Figura 13 Escultura de vulto com atributos de Santiago. Palácio dos marqueses da Fronteira. Lisboa. Foto da autora.

NOTA FINAL

Inserida a sua conceção e construção num momento de revivalismo nacional, ancorado na necessidade de ilustrar um dos momentos gloriosos da história lusitana, a *Nau Portugal* reuniu em seu torno subidas expectativas e sentimentos exacerbados de amor pátrio. O projeto, que se assumiu desde o início, como um dos símbolos mais relevantes das *Comemorações do Duplo Centenário*, pela ligação que fazia entre as forças e grandiosidades da terra e a sua projeção, continuidade e engrandecimento nos mares, cuidou da *mise-en-scène* ao pormenor e descurou o concreto prático subjacente a qualquer navio: a sua navegabilidade.

A *Nau*, mais do que um objeto concreto, foi uma ideia que transbordou as fixas categorias da realidade. Momento cénico por excelência, a vivência do espírito pleno da *Nau* pretendia projetar o visitante para um tempo glorioso,



Figura 14 Escultura de vulto com atributos de Santiago. Palácio dos marqueses da Fronteira. Lisboa. Foto da autora.



Figura 15 Peanha de escultura de vulto com atributos de Santiago. Palácio dos marqueses da Fronteira. Lisboa. Foto da autora.

onde, embalado pelas suaves águas do Tejo, envolto em paredes forradas a ouro, salas guarnecidas de ricas tapeçarias, belas estátuas e luzes tremeluzentes, lhe seria concedido um relance de um tempo áureo e despertado o anseio por um império ainda não cumprido.

O papel que a talha dourada teve na construção deste ideário nostálgico, mas também saudoso de um futuro por cumprir, foi preponderante. Fragmentos sem nexos e contexto, porções de altares, púlpitos, sanefas e balaustradas, arrancados à sua função inicial, ganharam uma nova vida e propósito e, tal como a *Nau*, metamorfosearam-se e recompuseram-se, emprestando o remanescente e o último fulgor das suas formas opulentas, dos contrastes cromáticos e do brilho do ouro à criação de uma nova utopia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES ICONOGRÁFICAS

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

CUNHA, Álvaro Ferreira da - *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português. Nau Portugal*. 1940. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FEC/000244.

CUNHA, Álvaro Ferreira da - *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português*. Vista dos varandins da *Nau Portugal*. 1940. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FEC/000246.

CUNHA, Álvaro Ferreira da - *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português*. Vista da popa da *Nau Portugal*. 1940. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FEC/000247.

GUEDES, Paulo - *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português com a Nau Portugal ancorada no Tejo*. 1940. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/0004/PAG/000356.

GUEDES, Paulo - *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português. Nau Portugal tendo como fundo o monumento efémero Padrão dos Descobrimentos*. 1940. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/0004/PAG/000385.

GUEDES, Paulo - *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português. Nau Portugal vista da proa*. 1940. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/0004/PAG/000386.

PORTUGAL, Eduardo Macedo - *Comemorações do Duplo Centenário: exposição do Mundo Português*. Vista da *Nau Portugal*. 1940. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/001550.

FONTES

ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Processos, 8. Comissão Nacional dos Centenários, 1940.

Correspondência de João de Couto, *Livro de Janeiro a Dezembro de 1940*, l.º 1.481.

Correspondência de João de Couto, *Livro de Janeiro a Dezembro de 1940*, l.º 1.499.

Correspondência de João de Couto, *Livro de Janeiro a Dezembro de 1941*.183.

Processos referentes à Comissão Nacional dos Centenários, 1941.

Registo de correspondência remetida, livro n.º 23, 1946.

ESTUDOS

ACCIAIUOLLI, Margarida – *Os anos 40 em Portugal: o país, o regime e as artes: “restauração” e “celebração”*. Lisboa: [s.n], 1991. Tese de doutoramento em História da Arte Contemporânea apresentada à Universidade Nova de Lisboa.

ACCIAIUOLLI, Margarida – *Exposições do Estado Novo: 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

ALMEIDA, José Carlos – Memória e identidade nacional: as comemorações públicas, as grandes exposições e o processo de (re)construção da nação. In CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, Coimbra, 2004. *Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais* [Em linha]: *actas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. p. 8-11. [Consulta 20.12.2016]. Disponível na internet: <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/JoseCarlosAlmeida.pdf>.

BARROS, Júlia Leitão de – Exposição do Mundo Português. In BRITO, J. M. Brandão de, ROSAS, Fernando – *Dicionário de história do Estado Novo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. vol. I, p. 325-327.

CASTRO, Augusto de – *A Exposição do Mundo Português e a sua finalidade nacional*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1940.

COSTA, João Bénard da – *Crónicas: imagens proféticas e outras*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2010.

DANTAS, Júlio; MATA, Caeiro da – Sessão Inaugural do Congresso do Mundo Português. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. Ano II N.º 19 e 20 (1940), p. 44-49.

Exposição do Mundo Português. *Revista dos Centenários*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. Ano II N.º 19 e 20 (1940), p. 17-32.

FERREIRA, Sílvia – A retabulística barroca entre o liberalismo e a actualidade: mecanismos de alienação e de conservação de um património: o papel do Museu Nacional de Arte Antiga. In GLÓRIA, Ana Celeste – *O retábulo no espaço ibero-americano: forma, função e iconografia* [Em linha]. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa, 2016. p. 247-261. [Consult. 10.12.2016]. Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10362/16423>.

FERREIRA, Sílvia – A arte da talha portuguesa: intermitências do gosto entre a unanimidade e a rejeição. In RODRIGUES, Ana Duarte – *O gosto português na arte*. Lisboa: Scribe, 2016. p. 69-80.

FERREIRA, Sílvia – Reshaping the law: nineteenth-century anticlericalism in Portugal and its Impact on religious art: the case of gilded wood carving. *Art Antiquity and Law*. Crickadarn: The Institute of Art and Law. Vol. XXI N.º 3 (2016), p. 257-268.

FERNANDES, José Manuel – *Português Suave: arquiteturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR, 2003.

FRANÇA, José-Augusto – Os anos 40 na arte portuguesa. In FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – *Os anos 40 na arte portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. tomo I, p. 23-42. Catálogo de exposição.

Guia da Exposição do Mundo Português. Lisboa: [s.n.], 1940.

MÓNICA, Maria Filomena – Exposição do Mundo Português. In BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena – *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 1999. vol. 7, p. 710-711.

MORAES, Fernão de – *Historia comico-maritima: a Nau Portugal: relação dos naufragios que teue a Nau Portugal em Aveiro e em Lisboa nos annos de 1940 e 1941*. Porto: Edição do autor, 1940.

NETO, Maria João – *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)*. Porto: FAUP, 2001.

NOGUEIRA, Salvador de Sá – “Nau Portugal”: salvamento, libertação e sua condução de Aveiro para Lisboa. *Boletim da Ordem dos Engenheiros*. 48. 1940. Separata.

RAMALHO, Margarida de Magalhães; BELÉM, Margarida Cunha – *Exposição do Mundo Português: explicação de um lugar*. Lisboa: Fundação Centro Cultural de Belém, 2016.

REIS, Pedro Batalha – A exposição do ouro a bordo da Nau Portugal. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal. N.ºs 28 e 29 (1947). Separata.

SANTOS, Rui Afonso – A Exposição do Mundo Português: celebração magna do Estado-Novo salazarista. In FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes – *Mário Novaes: Exposição do Mundo Português 1940*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p. 57-79. Catálogo de exposição.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Mundo Português: imagens de uma exposição histórica*. Lisboa: SNI, 1940.

RECURSOS ONLINE

AMARO, Rui – *Batelão “Nazaré” ex Nau “Portugal”* [Em linha]. [Consult. 25.1.2017]. Disponível na Internet: <http://naviosavista.blogspot.pt/2011/05/batelao-nazare-ex-nau-portugal.html>.

Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Direção Geral da Fazenda Pública – *Nau Portugal* [Em linha], PT/ACMF/DGFP/RP/MOVMB/048. [Consult. 15.1.2017]. Disponível na internet: http://purl.sgmf.pt/319927/1/319927_item1/index.html.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Comissão Nacional dos Centenários – *História Administrativa/ Biográfica /Familiar* [Em linha]. [Consult. 5.1.2017]. Disponível na internet: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4161624>.

GARROCHINHO, António – *Nau Portugal. Construída nos estaleiros de Mestre Manuel Maria Bolais Mónica, na Gafanha da Nazaré, para fazer parte da Exposição do Mundo Português de 1940* [Em linha]. [Consult. 25.1.2017]. Disponível na Internet: <https://desenvolturasedesacatos.blogspot.pt/2016/06/nau-portugal-construida-nos-estaleiros.html>.

LEITE, José Augusto – *Nau “Portugal”* [Em linha]. [Consult. 25.1.2017]. Disponível na Internet: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2015/05/nau-portugal.html>.

Nau de Portugal para a Exposição do Mundo Português. In PORTUGAL, Direção Geral do Património Cultural – *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico*. [Em linha] PT DGEMN:DSARH-010/000-0252. [Consult. 2.1.2017]. Disponível na internet: <http://www.monumentos.pt>.

PORTUGAL. Assembleia da República – *António Júdice Bustorff Silva: legislaturas: VIII, IX* [Em linha]. [Consult. 2.1.2017]. Disponível na Internet: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/OsProcuradoresdaCamaraCorporativa%5Chtml/pdf/s/silva_antonio_judice_bustorff.pdf.

RIBEIRO, António Lopes, realização e narração – *Documentário A Nau Portugal* [Em linha]. [Consult. 4.1.2017]. Disponível na internet: <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/8644/A+Nau+Portugal>.

Talhas douradas para a Nau de Portugal. In PORTUGAL, Direção Geral do Património Cultural – *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico*. [Em linha] PT DGEMN:DSMN-001-0348/03. [Consult. 2.1.2017]. Disponível na internet: <http://www.monumentos.pt>.

TEIXEIRA, Fernando – *A Nau Portugal* [Em linha]. [Consult. 22.1.2017]. Disponível na Internet: <http://amigosdeaveiro.blogs.sapo.pt/3741.html>.

